2019

01.8 –
31.8

E TUDO ME
PARECE VOO

GALERIA SUPERFÍCIE

ANNA COSTA E SILVA

ANNA COSTA E SILVA — E TUDOME PARECE VOO

01.8 — 31.8 2019

PARA FLORA
PARA JOSÉ

UM ESPAÇO FIRME

KEYNA ELEISON

Existem as coisas e as não coisas, os percursos da existência e os limites da não existência...

Existe o mar. E existe a possibilidade de mergulho, a observação meditativa, a corrida pela areia, as risadas, o espanto em olhar pela primeira vez algo enorme, reconhecer e nominar as sensações, existe o frio nos pés, o corpo todo sendo levado pela água, boiar.

Existe o ar. Existem partículas invisíveis que nos rodeiam e nos preenchem, independente da vontade, existe a vontade de encher o peito e o corpo, existe um cheiro e existem aromas, existe o calor e o frio, existe o sussurro que chega do outro lado da sala, e o som.

Existe a chuva. Existe a impossibilidade de sair de casa, a vontade de sair correndo, os dias de roupa molhada, os pedaços de roupa molhada que ainda estão secos, as possibilidades de abrigo, a vontade de seguir escutando aquele barulho, colocar algo na cabeça, o entorno.

O mar, o ar, a chuva, existem. Existem as coisas que não existem... o mar, o ar, a chuva. Que muitas vezes são nomes, memória, conceitos, percepções e uma ideia. A ideia não existe e por isso é fonte de existência, possibilidade e base.

E ainda mais, existe um espaço, um lugar, um tempo, que se mantém firme entre o que existe e o que não existe, um lugar de visita constante onde a saudade de algo que nunca foi vivido e o gosto de nada e a lembrança do futuro e o encontro do distante e o tempo e o espaço e a falta de vírgula e a retomada do fôlego e o pulmão cheio de ar e as reticências...

É neste espaço, firme, que Anna Costa e Silva passeia. Ela está construindo uma morada impossível no movimento.

> Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem
> Quem sou? Um fogo-fátuo, uma miragem...
> Sou um reflexo... um canto de paisagem
> Ou apenas cenário! Um vaivém[1]

A proposta aqui não é apenas fruir.

Um passo de cada vez, um trabalho de cada vez, uma de cada vez. Nos trabalhos da exposição "E Tudo Me Parece Voo", Anna Costa e Silva desenvolve sua pesquisa e realiza seus trabalhos de um foro íntimo, de uma particularidade intensa e que se percebe humana e de contorno público. É possível reconhecer em sua poética o ritmo do dia a dia, a música do cotidiano. O voo percebido a partir de um gesto expresso nas obras, um instante em comum que nos leva à suspensão.

Muitas vezes estão na memória, não só nas imagens e nos sons, mas cada cena que foi colhida para fazer parte do trabalho. Estamos diante de uma colheita, resultado de um plantio, vindo de uma pesquisa, que parte da vontade de seguir vivendo. E assim nos mostra um voo, quando com toda a força atravessamos nosso instinto bípede pedestre para tomar corpo leve e sair do solo.

> O saber se aprende com as mestres. A sabedoria, só com o corriqueiro da vida.[2]

Anna chora. E derrama em nós seu trabalho. São instalações sonoras, vídeos e fotografias como proposta de observação de afetos. Nos sons, nas cartas lidas, nas palavras escritas e nas imagens paradas ou em movimento, temos certeza que tudo ali já foi vivido e sua arte se inunda de memória. Vemos círculos, fogo, pinceladas generosas de azul em suas fotografias, uma névoa... E todos estes nomes, todos nomes das mulheres, trocas de memórias múltiplas, vozes que nos apresentam relações impossíveis e reais. Mesa, cadeiras, um convite para sentar e escutar e maisquerer. Apesar de vir dela, da artista, esse voo é íntimo e individual, não são instruções de plantio de voo. E não precisamos saber de nada para partilhar isso, apenas pessoas dispostas a sair do chão por alguns momentos.

NOTAS

1
Florbela Espanca,
Minha Culpa.

2
Cora Carolina.

1

As Tentativas

2018
Impressão jato de tinta
sobre papel algodão
18,75 × 25 cm cada
Edição de 5 + 1 PA

Produção e tratamento
de imagem: Sasha
Lazarev

2

**Eu, Você, e os Seres
Abissais**

2018
Impressão jato de tinta
sobre papel algodão
58,67 × 88 cm
Edição de 5 + 1 PA

Produção e tratamento
de imagem: Sasha
Lazarev

3

**Se Eu Pudesse Te
Falar Alguma Coisa
Antes de Existir (ou
Carta para Minha
Mãe/Carta da Minha
Mãe para Mim)**

2018
Instalação sonora em 2
canais
5'36''/1'49''

Instalação sonora
composta de uma carta
da artista para a sua mãe
e uma carta de sua mãe
para a artista, escritas
na mesma ocasião, cada
uma de um lado da
mesa.

Cartas: Anna Costa
e Silva e Maria Ignez
Barretto
Gravação de som: Akira
Band
Pós-produção de som:
Gil Guimarães Neves

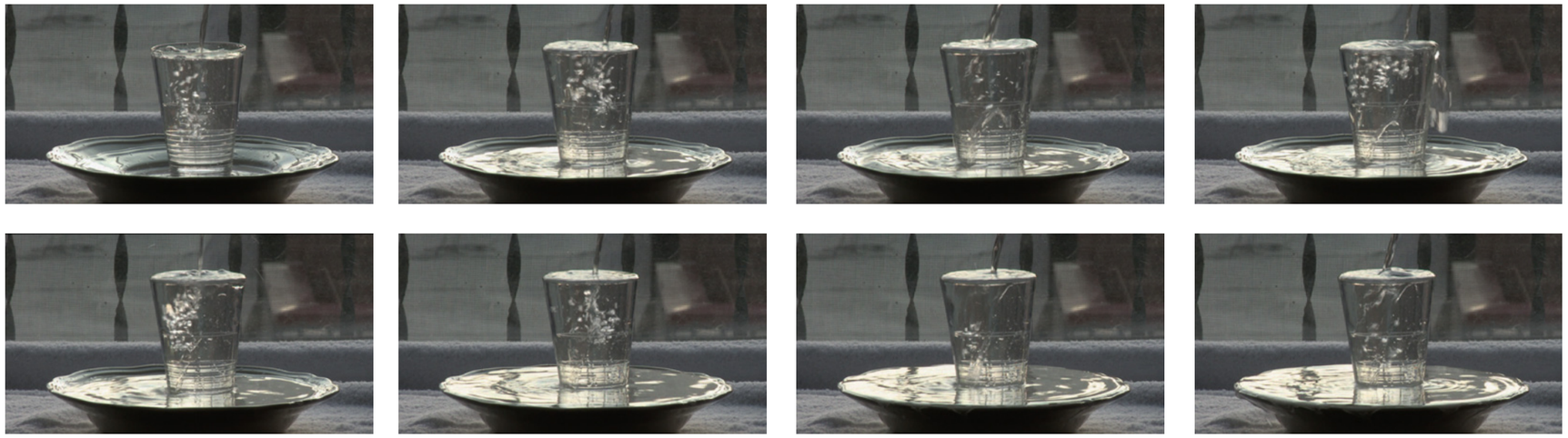
4

Os Sonhos Recorrentes das Minhas Amigas (ou Reunião de Fantasmas)

2018
Impressão em caixa de backlight
Políptico de 5
30 × 24 cm cada

Design gráfico: Tatiana Podlubny

5

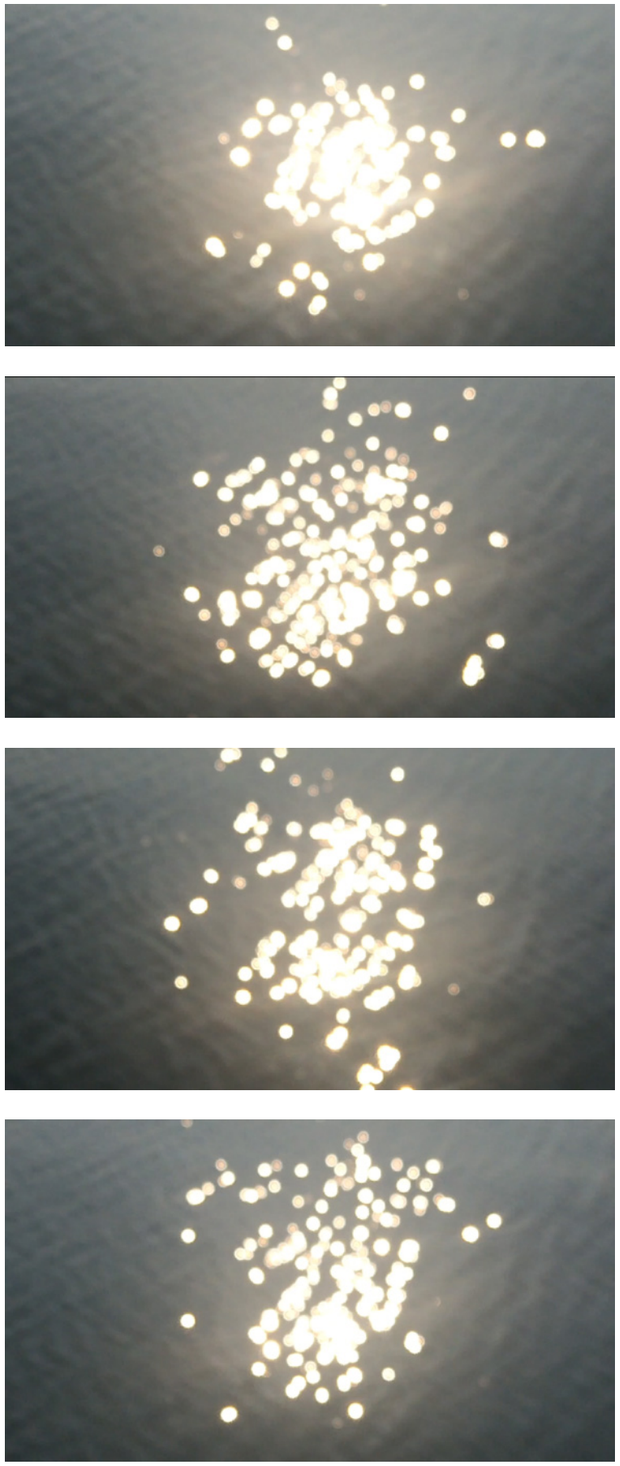


Copo

2018
Vídeo HD
54''

Câmera: Marina Planas Antich

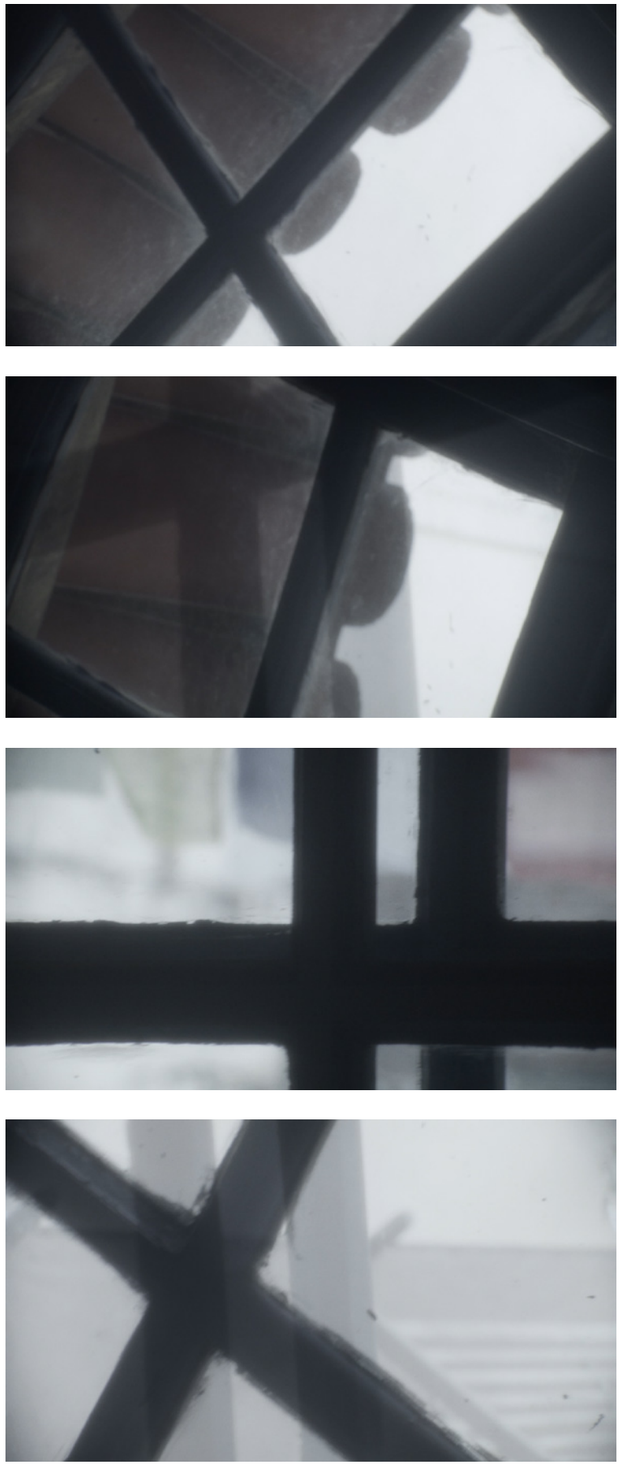
6



Você Também Ouve a Música?

2018
Vídeo HD
30''

7

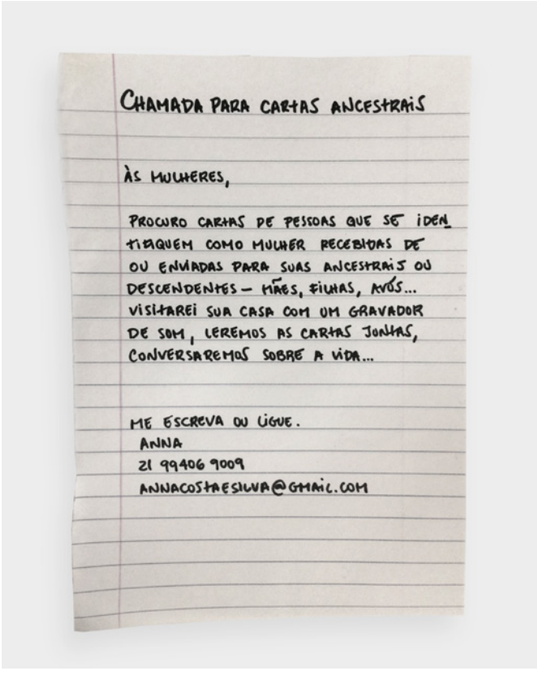


E Se a Gente Estiver Enganado Sobre a Direção da Gravidade?

2016
Vídeo HD
58''

Câmera: João Atala
Edição: Larissa Munck

8



CHAMADA PARA CARTAS ANCESTRAIS

ÀS MULHERES,

PROCURO CARTAS DE PESSOAS QUE SE IDENTIFIQUEM COMO MULHER RECEBIDAS DE OU ENVIADAS PARA SUAS ANCESTRAIS OU DESCENDENTES – MÃES, FILHAS, AVÓS... VISITAREI SUA CASA COM UM GRAVADOR DE SOM, LEREMOS AS CARTAS JUNTAS, CONVERSAREMOS SOBRE A VIDA...

ME ESCREVA OU LIGUE.
ANNA
21 99406 9009
ANNACOSTAESILVA@GMAIL.COM

Círculo

2019
Instalação sonora em 8 canais
45'16''

Instalação sonora composta por 16 cartas trocadas entre mulheres e suas ancestrais ou descendentes, gravadas a partir de uma chamada pública realizada pela artista.

Cartas: Aninha de Fátima Sousa, Cláudia, Carolina Rocha – Dandara Suburbana, Maria Eugênia da Fonseca Rocha, Domenica Castro di Gangi, Glaucia Freire Sposito, Marcela Falci, Maria Júlia Braz, Nathália Lima Verde, Poli Pieratti, Regina Sobreira Fernandes, Tatiana Podlubny, Vanusa Pereira de Melo, e outras mulheres que preferiram preservar suas identidades

Leituras: Aninha de Fátima Sousa, Ana Nobre Pereira de Melo, Bárbara, Carolina Rocha – Dandara Suburbana, Domenica Castro di Gangi, Luiza Sposito Vilela, Marcela Falci, Maria Júlia Braz, Nathália Lima Verde, Poli Pieratti, Suedi Maria Fernandes, Tatiana Podlubny, Vanusa Pereira de Melo e outras mulheres que preferiram preservar suas identidades

Tratamento de som: Mino Alencar

SE EU PUDESSE TE FALAR QUALQUER COISA ANTES DE EXISTIR

Mãe,

hoje é 26 de julho de 1988 e você me vê pela primeira vez. te escrevo quase trinta anos depois, deitada na cama, quase dormindo. sempre me intriga olhar pros bebês recém nascidos. esse mundo pela primeira vez, a sensação de impotência dos adultos. e eu pensando em quando as coisas passam a existir. você me olha aí, e eu me pergunto o que você sente. eu estaria morrendo de medo.

estou deitada na cama, no escuro. tenho passado meus dias dormindo na casa de desconhecidos, conversando assim nos entre estados. gosto de morrer junto e de renascer depois, e talvez essa necessidade de esgotar as coisas torna impossível não passar o tempo dessa forma e chamar de trabalho.

aqui o mundo tá estranho, me pergunto se sempre foi. e quando foi a primeira vez que você sentiu a falta. as pessoas desenvolveram uma espécie de órgão extra acoplado em seus corpos que emite sons e luzes. nossas necessidades vitais precisam ser ligadas na tomada esporadicamente e tem um canal de TV dentro do nosso organismo, 24h, onde estão os gatos, os pratos de comida, as curadorias, os artistas, que são pinçados como aqueles bichinhos de pelúcia das máquinas de shopping center e ficam ali até sair a versão 2.0. os homens valem mais, as mulheres são chamadas de lindas, ou feias, ou histéricas, e nesse ano na Inglaterra inventaram o Ministério da Solidão.

por aqui algumas pessoas se apaixonam por monumentos, casam com cidades, com a Torre Eifel, com a Torre de Pisa, com pedaços de pizza que prometem que estarão ali por todos os dias de suas vidas. e há pessoas levando bichos de pelúcia para restaurantes e pedindo pratos que são jogados no lixo depois, pois tudo o que o cliente não quer tem que ir pra lixeira. e há pessoas morrendo de fome. muitas pessoas morrendo de fome.

mãe, será que a gente teve tanto assunto? o que a gente tanto falou pra não falar das coisas que importam? às vezes eu me pergunto o que existe quando a conversa acaba. quando não há mais livros e filmes, cidades, histórias paleolíticas ou vidas alheias? Será que a gente aguenta as brechas, os tempos mortos?

se eu pudesse te falar alguma coisa antes de existir, eu te diria pra não se preocupar. eu também estaria em pânico e estarei quando segurar uma mulher no meu colo e perceber que ela também sente a falta. trinta anos se passaram e a falta segue. e essa coisa que tem que ser tratada desde dois anos de idade, segue também. e muitas pessoas vão se negar a fazer terapia num bebê, vão receitar antidepressivos para tratar dores nas costas aos 16 anos, vão se assustar com os os meus cabelos arrancados e os buracos na cabeça... eu vou seguir desconfortável, mas eu vou seguir. e encontrar também outros caminhos.

sabe, em algum lugar eu agradeço por todas as vezes em que eu quase enlouqueci e ficamos mais próximas. reconheço os exageros, as inconsistências, as tentativas infantis de diminuir a distância. que louco é isso, ficar junto perto do abismo e quando ele passa, as coisas se dissolvem. que consistência é essa que existe através da dor? eu te agradeço por cada passo, mãe, por ter sido esse porto seguro quando tudo desabava e me fazer acreditar que a vida é possível. e é. mas há de ter alguma outra maneira, alguma maneira que ainda não conhecemos. há de ter alguma coisa que passe da falta de chão e chegue em outro lugar. (como quando a gente cavava buracos na areia, na esperança de um dia chegar ao Japão).

e por aí, o que se passa depois de uma vida? eu me preocupo se você encontrou alguma coisa para além de cumprir os combinados. alguma coisa que valha a existência. e o tempo, você sente passar? eu sinto, e até demais. e sigo com medo de não aprender a ficar quieta – ou de aprender. e sigo com medo dessa conexão com o outro que só poder ser inventada, de tão intensa. eu nunca te falei que levei 29 anos pra me apaixonar. e por que mesmo a gente nunca conversou sobre orgasmos? também nesse ano comecei a aprender um instrumento e penso que é a única coisa que vale a pena ser feita. termino essa carta com uma versão simplificada de uma das 5 músicas que eu aprendi. eu estou aqui, fazendo uma coisa que eu não sei fazer, como nunca me foi permitido, pois nunca nos foi permitido não ter a menor ideia. e eu tenho pensado que é bem sobre isso, sobre fazer o que a gente não sabe fazer e sobre as tentativas.

com amor,
anna
abril–julho, 2018

Galeria Superfície
Rua Oscar Freire, 240
01426-000
São Paulo
SP

info@
galeriasuperfície.
com.br

www.
galeriasuperfície.
com.br

REALIZAÇÃO
Galeria Superfície

DIREÇÃO
Gustavo Nóbrega

CURADORIA/TEXTO
Keyna Eleison

PRODUÇÃO
Aline Vieira
Luiz Pataro
Maria Júlia Braz

IMAGENS
Galeria Superfície
Rafael Salim

PROJETO GRÁFICO
Margem

AGRADECIMENTOS
André Alvim
Ana Abbott
Ana Kutner
Akira Band
Boca do Trombone
Constanza de Córdova
Felipe Messina
Flora Diegues
Kity Féo
Isis Mello
José Damasceno
Julio Lobato
Larissa Munck
Liana Nigri
Luciana Novak
Maria Clara Contrucci
Maira Marques
Maria Ignez Barretto
Maria José da Silva
Marcia Ribeiro
Mino Alencar
Nanda Félix
Sasha Lazarev
Tatiana Podlubny
Thiare Maia Amaral
Todas as pessoas que compartilharam ou responderam à "Chamada para Cartas Ancestrais"

Publicação em ocasião da exposição *E Tudo Me Parace Voo* de 1 Agosto a 31 Agosto de 2019

© Galeria Superfície. Todos os direitos reservados.

GALERIA SUPERFÍCIE